

Juro fora da re negociação *Dívida Externa*

por Cláudia Safatle
de Brasília

O Brasil não vai renegociar o pagamento de US\$ 11,2 bilhões de juros da dívida externa que vencem em 1984. O reescalonamento da dívida — que será empurrada por oito anos, sendo três de carência — envolve somente as amortizações, de US\$ 5,1 bilhões.

O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, foi absolutamente taxativo ao negar a possibilidade de renegociar os juros e explicou: "Este é um ponto delicado das negociações. Os bancos internacionais preferem emprestar mais dinheiro para pagarmos os juros do que renegociar-mos esta parcela".

O ministro da Fazenda ponderou que, em face dessa resistência, "há maneiras de fazer a mesma coisa sem agredir um ponto que os bancos credores consideram de grande sensibilidade: não faz diferença, portanto, se eles te emprestam e você financia os juros". Ocorre que os bancos só se dispõem a emprestar US\$ 4,8 bilhões.

Após almoçar com Galvêas, o vice-"chairman" do Bank of America, William Bolin, deu declarações no mesmo tom: "Temos de ver com realismo o fluxo de caixa do País e, dentro desse realismo, estabelecermos critérios para o pagamento do serviço da dívida, não necessariamente no que diz respeito

aos juros, mas basicamente ao principal". "Só quanto ao principal?", insistiu um jornalista, recebendo uma resposta enfática: "É".

A renegociação da dívida, tanto junto aos bancos privados internacionais quanto em relação aos governos — Clube de Paris —, somente será formalizada quando o Fundo Monetário Internacional (FMI) acenar com um "sinal verde". O ministro da Fazenda fez esta afirmação e estimou que a dívida de governo a ser renegociada junto ao Clube de Paris totaliza cerca de US\$ 8 bilhões.

Foi este aceno do FMI que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, foi buscar. Ontem ele embarcou para Paris, onde se encontrará com o gerente geral do Fundo, Jacques de Larosière (ver matéria acima).

O ministro da Fazenda

(Continua na página 12)

Cerca de sessenta representantes de bancos estrangeiros reuniram-se ontem no Rio para discutir a dívida brasileira e mostraram-se ansiosos pela retomada de negociações visando ao reescalonamento. "Basta", disse um deles, "que o País ofereça uma proposta concreta, um programa coerente e não se prenda a questões semânticas e à dialética da oposição".

(Ver página 12)